

REVISITAÇÕES CLÁSSICAS EM *A CIDADE E AS SERRAS*, DE EÇA DE QUEIROZ

Matheus Trevizam*
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa*

Resumo: O artigo intenta focalizar a presença da cultura clássica neste romance. Não se trata, contudo, de uma inquirição exaustiva. Examinamos o mito de Jacinto e Apolo, a oposição Hades/Campos Elíseos e as Serras como uma simbologia da anábase do protagonista; identificamos procedimentos do gênero epidítico da retórica clássica e da literatura formular de Homero na composição da obra.

Palavras-chave: Mitologia; literatura clássica; retórica; bucolismo.

Introdução e sinopse do enredo de *A cidade e as serras*

No romance *A cidade e as serras* (1901), o escritor português José Maria de Eça de Queiroz apresenta ao leitor um longo itinerário de volta às raízes. A obra, como se lembram os leitores fiéis, trata, pela voz da personagem José Fernandes, das desventuras de Jacinto, rico herdeiro de família lusa por muitos anos “desterrado” num luxuoso endereço de Paris (nº 202) até o retorno definitivo, e de algum modo inesperado, às serras portuguesas de sua origem familiar fidalga desde os confins do Medievo.

O motivo desse desterro temporário, como nos explica o romancista, mantém vínculos com a história de Portugal no início do século XIX, pois o avô de Jacinto, em certa ocasião de queda

* Universidade Federal de Minas Gerais.

em via pública, fora socorrido por ninguém menos que o infante Dom Miguel,¹ rival do irmão Pedro pelo trono do reino.² O desfecho político infeliz do assim chamado “Miguelismo” e o exílio do príncipe derrotado da pátria fizeram, então, o avô de nosso Jacinto, aficionado partidário de Dom Miguel desde o dia em que fora jovialmente levantado por ele das imundícies da rua, também decidir-se por deixar Portugal com a esposa, dona Angelina, e o filho, o Cintinho.

A habilidade de Eça em conduzir e deixar aflorar em seu texto os velhos e antigos clássicos, objeto deste artigo, foge dos padrões de obviedade. Tomemos de início o nome escolhido na família do protagonista:³ na trivialidade de uma referência mitológica imediata, poder-se-ia afirmar que Eça buscasse as origens remotas de seu Jacinto no jovem atleta grego, amado de Apolo e morto acidentalmente pelo mesmo deus;⁴ todavia, o requinte da escolha de nosso escritor vai mais longe. Os Jacintos do romance são muitos e os holofotes acesos pela pena do

¹ É já bastante estudada a história de Portugal na obra de Eça de Queiroz, o qual declara em uma carta datada de 14 de setembro de 1893 que leu e conheceu bem a obra do historiador português Oliveira Martins (com os livros *Portugal contemporâneo*, *A história de Portugal*, *Os filhos de Dom João I*, e outros mais). Indicamos para o leitor o artigo de Maria Teresa Pinto Coelho intitulado “Eça de Queirós e Oliveira Martins: a visão da história em ‘A Ilustre Casa de Ramires’”, de onde retiramos a informação sobre a missiva mencionada acima e que faz parte de nossa bibliografia. Não vamos nos aprofundar no tema, não é esse nosso escopo; entretanto, gostaríamos de realçar a força do pensamento organicista de Oliveira Martins para quem (assim como ocorre com a dinastia dos Jacintos) Portugal é visto em um ciclo de “nascimento, apogeu, declínio e morte”. Sobre o ciclo no clã do príncipe da Grã-Ventura, desenvolvemos algumas reflexões neste artigo.

² QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 1-2.

³ Em contraste, vale atentar para o nome José Fernandes, de evidente sonoridade portuguesa. O prenome, de origem hebraica, significa “Deus aumenta”. *Fernandes*, de origem hispânica, vem de *Fernando*, “aventureiro”.

⁴ EURIPIDE. *Elene*, v. 1469-1474.

romancista incidirão sobre três deles: Jacinto Galião; o Sombra Cintinho; e Jacinto, o príncipe da Grã-Ventura. Ocupar-nos-emos dos dois últimos. Vejamos que D. Galião, pelos motivos apontados, desce da serra portuguesa com a esposa e o filho Cintinho e muda-se para “aquele palacete dos Campos Elíseos, nº 202” onde “sob o pesado ouro dos seus estuques, (...), numa vida de pachorra e de boa mesa, (...) morreu de indigestão”.⁵ Em Eça, os clássicos respiram nos detalhes. O endereço do nº 202, nos Campos Elíseos, é um capricho do escritor, que coloca o palacete dos Jacintos na pradaria do Hades, um lugar aprazível onde a existência é feliz para todos os homens (*Odisseia* IV, 565). Ainda neste contexto, no reino da opulência de Hades⁶ – a Paris dos Jacintos – há, como o deus grego antigo, um “rei” sombrio:

⁵ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 3-4.

⁶ Para mais esclarecimentos, ver STAFFORD (Personification in Greek religious thought and practice, p. 92-93): “Ancient Greek conceptions of Hades’ kingdom, and the place of these various personnel in it, varied over time and location. Although we commonly refer to the ancient Greek concept of the land of the dead as the ‘underworld’, not all descriptions place Hades literally under the ground. In the earliest recorded account, that in the *Odyssey*, Hades was imagined to be not under the ground but across the ocean, and Odysseus beaches his ship there, heading inland to sacrifice to and make contact with the dead (11.13–22). By the sixth century, however, the realm of Hades was regularly described as underground, and by the fifth century most of the now familiar elements of Hades’ kingdom were set. Since Hades’ main job was to keep the living and dead in their separate places, the topography of his domain was organized accordingly. (...) Greek literature as early as Homer included the concept of punishment or honor after death, depending on whether one had offended the gods or led a pious life; that is, your behavior in this life determined your fate in the next life. Thus, once admitted to Hades, the dead had to face judgment. The earliest judge in Hades was Minos (*Odyssey* 11.568). Rhadamanthys, described by Homer as ruler of Elysium (*Odyssey* 4.561), eventually became another judge, and in the fourth century Plato’s addition of Aeacus brought the number of judges to three (Apology 41a; Gorgias 523e–524a). All were famous during their lives for being lawgivers, and their job was to assign souls to the appropriate places within Hades, deciding whether each soul would be rewarded or punished. Those to be rewarded were assigned to

O Cintinho crescera. Era um moço mais esguio e lívido que um círio, de longos cabelos corredios, narigudo, silencioso, encafudado em roupas pretas, muito largas e bambas; de noite, sem dormir, por causa da tosse e de sufocações, errava em camisa com uma lamparina através do 202; e os criados na copa sempre lhe chamavam a *Sombra*. (...) No outono de 1851, quando já se desfolhavam os castanheiros dos Campos Elíseos, o Cintinho cuspiu sangue. O médico (...) aconselhou que o menino abalasse para o golfo Juan ou para as tépidas areias d'Arcachon. Cintinho porém, no seu aferro de sombra, não se quis arredar da Terezinha Velho, de quem se tornara, através de Paris, a muda, tardonha sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra. Três meses e três dias depois do seu enterro o meu Jacinto nasceu.⁷

Não vamos nos deter nos requintes das referências e associações; o limite de páginas nos permite apenas um panorama. Que fique registrado até agora apenas uma catábase (das Serras para os Campos Elíseos), um rico soberano sombrio e o destino escolhido por esses exilados, o luxuoso palacete parisiense.

Diversamente do pai – morto asmático com pouco mais de vinte anos depois de procriá-lo –, o Jacinto em que se focaliza o romance crescera como um jovem sadio, inteligente, dotado pela

Elysium which, in the earliest Greek literature (Homer and Hesiod), was imagined to be separate from Hades, and was reserved for mortals related to the gods and for heroes who had fought and died gloriously in battles such as the Trojan War. By the fifth century Elysium was described as a part of Hades itself, as a place where the souls of the good were rewarded by leading enjoyable afterlives.”. João Medina fala de Paris como uma “degradação telúrica”, o lugar do cinzento (MEDINA. Jacinto em Ítaca, p. 129-135). Ele, no entanto, situa, miticamente, o palacete do Príncipe da Grã-Ventura em Ogígia (p. 146-149). Em nossa opinião, Ogígia é o lugar da imortalidade solitária e esquecida. Preferimos ampliar o espaço e os habitantes.

⁷ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 4-5.

Fortuna de abundantes benesses reputadas portadoras da felicidade, respeitado e, até, querido pelos companheiros de mesma idade:

Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho escudeiro preto, o Grilo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas – sem que jamais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo. (...) Rijo, rico, indiferente ao Estado e ao Governo dos homens, nunca lhe conhecemos outra ambição além de compreender bem as ideias gerais; e a sua inteligência, nos anos alegres de escolas e controvérsias, circulava dentro das filosofias mais densas como enguia lustrosa na água limpa de um tanque. (...) Era servido pelas cousas com docilidade e carinho; e não recordo que jamais lhe estalasse um botão da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos seus olhos, ou que ante a sua vivacidade e pressa uma gaveta pérfida emperrasse.⁸

E nesse ponto, em que conhecemos a estirpe vigorosa que ao fim do romance, dos ossos de seus ancestrais, achará motivo para reerguer a família na serra, cabe retomar o mito grego de *Hyacinthos*. O jovem é considerado um duplo de Apolo Amiclas. Seu túmulo estaria em um santuário dedicado a este deus que velava sobre os restos do rapaz, segundo Pausânias (*Viagem à Grécia* III, 1, 3; 10, 1; 19, 3-5), na forma de uma notável estátua. O Jacinto grego faz parte da genealogia fundadora espartana: era o mais jovem e belo entre os nascidos de Amiclas, o filho de Lacedemônio e Esparta, que se uniu a Diomedes, filha de Lápida.⁹ O Jacinto grego, como o português, superou o pai.

O gosto pelas leituras filosóficas e as excepcionais facilidades que a vida lhe oferecera fizeram com que o moço Jacinto, personagem de Eça, ainda não desgastado pelas arestas da “civilização” – a qual devemos entender, no caso do romance

⁸ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 5-6.

⁹ CALAME. Spartan genealogies: the mythological representation of a spatial organization, p. 165-166.

em pauta, como todos os refinamentos materiais e de espírito possibilitados às *elites* num grande centro cosmopolita dos oitocentos como Paris –, viesse ele mesmo a formular a *sua* concepção do que era ser feliz.¹⁰ Até então satisfeito com os prazeres de uma vida luxuosamente inserida nas brilhantes novidades que a metrópole disponibilizava tão somente àqueles capazes de pagar, o protagonista procurava na prática quotidiana honrar o seu lema, conjugando aos bens fortalecedores da Fortuna a aquisição, embora superficial, de saberes atinentes a todos os tentáculos da curiosidade humana em seu século (filosofia, astronomia, sociologia, política, geografia...). O último ponto, por sinal, explica a enfatizada riqueza da biblioteca e dos apetrechos tecnológicos do 202 e, ainda, o atulhamento de caríssimos e especializados volumes até nos lugares mais impróprios da casa.¹¹

Apesar do aparente fausto, no entanto, a invejável vida de Jacinto no 202 também contava com seus infortúnios: assim, as maravilhas da técnica construtiva moderna não livraram a casa de um destrutivo estouro de canos d'águas quentes,¹² a vacuidade dos compromissos sociais frívolos acabou por invadir tirânica as horas do protagonista,¹³ o artificialismo pomposo dos pratos servidos à mesa principesca um dia não logrou mais sequer abrir-lhe o apetite,¹⁴ as graças femininas em algum ponto lhe pareceram,

¹⁰ Trata-se da proposição “suma ciência × suma potência = suma felicidade”, segundo enunciada no capítulo inicial de *A cidade e as serras* (QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 8).

¹¹ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 75: “A biblioteca transbordava através de todo o 202! Não se abria um armário sem que dentro se despenhasse, desamparada, uma pilha de livros! Não se franzia uma cortina, sem que detrás surgisse, hirta, uma ruma de livros! E imensa foi a minha indignação quando uma manhã, correndo urgentemente, de mãos nas alças, encontrei, vedada por uma tremenda coleção de estudos sociais, a porta do *water-closet!*”.

¹² QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 44.

¹³ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 32.

¹⁴ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 34.

a não ser a arrefecida “amizade” adúlterina com Madame D’Oriol, de todo dispensáveis...¹⁵ O inesperado desastre serrano, porém, faz com que o cidadão Jacinto enfim decida, diante do sentimento parisiense de desalento do qual se fora pouco a pouco impregnando e da urgente necessidade de medidas administrativas, partir para a rude serra portuguesa dos avós. Essa partida, que é por ele declarada no início do capítulo VIII do romance, vincula-se ao anúncio da destruição pelas chuvas, nas ancestrais terras lusas dos Jacintos, em Tormes, de uma antiquíssima capela a conter os ossos da família desde inumeráveis gerações... e ao desejo da personagem de, talvez, reencontrar algum equilíbrio em novos horizontes.¹⁶

A segunda parte do romance, identificada com o surpreendente e definitivo transplante de Jacinto para as serras, – e incluindo o vão intento de transferir grande parte da civilização para aquelas paragens longínquas! –,¹⁷ acaba por mostrar-nos esta personagem não apenas aos poucos tolerante com o ambiente rural singelo, mas, ainda, interessada pela vida e pelos habitantes do lugar.¹⁸ A decisão marca a metamorfose do nosso herói, que de homem cidadão e propenso ao conforto dos Campos Elísios subirá

¹⁵ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 43: “Tu vens das serras... Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortesãs de grande pompa e grande fausto. Ora para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma *cocotte* com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete, a sua publicidade, a sua insolência, é necessário que se agremiem umas poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no Clube. Eu pago um bocado... Mas meramente por civismo, para dotar a cidade com uma *cocotte* monumental. De resto não chafurdo. Pobre Diana!... Dos ombros para baixo nem sei se tem a pele cor de neve ou cor de limão.”

¹⁶ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 125.

¹⁷ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 154: “Mas os caixotes? Os caixotes, mandados de Paris, em fevereiro, há quatro meses?... O desgraçado Melquior arregalava os olhos miúdos, que se embaciavam de lágrimas. Os caixotes?! Nada chegara, nada aparecera!... E na sua perturbação mirava pelas arcadas do pátio, palpava na algibeira das pantalonas. Os caixotes?... Não, não tinha os caixotes!”

¹⁸ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 215-220.

até as serras, “o caminho do céu”,¹⁹ e tornar-se-á uma flor dos montes portugueses tal como o Jacinto grego, que após a morte transformou-se: na versão das *Metamorfoses*,²⁰ pelos cuidados de Apolo, e, na versão dos *Fastos*,²¹ pelos cuidados de Clóris/ Flora, em uma espécie nova de flor:²²

*Fortunate Iacintbe! Hic, inter arua nota
et fontes sacros, frigus captabis opacum...*

Afortunado Jacinto, na verdade! Agora, entre campos que são teus e águas que te são sagradas, colhes enfim a sombra e a paz!

Li ainda outros versos. E, na fadiga das duas horas de égua e calor desde Guiães, irreverentemente adormecia sobre o divino bucolista – quando me despertou um berro amigo! Era o meu Príncipe. E muito decididamente, depois de me soltar do seu rijo abraço, o comparei a uma planta estiolada, emurhecida na escuridão, entre tapetes e sedas, que, levada para vento e sol, profusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a Natureza!²³

Em artigo datado de 1987, Berrini atentará para as comparações “extraídas do reino vegetal” ao longo de todo o romance;²⁴ Piwnik associa Jacinto ao seu ancestral helênico, mas privilegia o mártir romano São Jacinto.²⁵ Nós, consoantes em parte

¹⁹ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 256.

²⁰ OVIDIO. *Metamorfosi*. X, v. 162-219.

²¹ OVID. *Fasti*. V, v. 195-244.

²² Cf. também DETIÈNNE. *A escrita de Orfeu*, p. 23-24; e a obra *Apollo et Hyacinthus* ou *Hyacinthi Metamorphosis* de Wolfgang Amadeus Mozart (1767).

²³ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 175.

²⁴ BERRINI. Jacinto, aristocrata rural, p. 32 e 34.

²⁵ Marie-Helène Piwnik, concentrando-se na história de São Jacinto, mártir cujos restos mortais foram transladados para a capela real em Lisboa, desenvolve a teoria de um rito de iniciação para o protagonista (PIWNIK. *Ce que le nom dit, Jacinto dans “A cidade e as serras”* de Eça de Queirós, p. 115-120).

com ambas, vamos mais longe, mantemo-nos na “profanidade serrana”,²⁶ afirmamos que o mito grego da metamorfose de Jacinto é estrutural na obra de Eça de modo a narrar a anábase, certamente, física e moral do protagonista, que sai do Hades e floresce nas serras. Ao final do romance, apenas por lembrar, Jacinto se casa nas serras e pacatamente gera filhos com Joaninha, prima de José Fernandes, desde então assumindo os papéis de direto cuidador do secular patrimônio herdado e de pai de família à maneira “ajustada”.²⁷ A semente dos Galiões medrou.

Trata-se, portanto, de ir além do *tópos* do *fugere urbem* e da exaltação da vida rural, que já encontramos, por exemplo, no romantismo de Júlio Dinis (de forma consistente e recorrente em diversas obras, mas presente, de modo especial, em *Os fidalgos da casa mourisca*) e acharemos nos árcades brasileiros (“eu, Marília, não sou algum vaqueiro / que viva de guardar alheio gado...”).²⁸ Voltar às origens não é unicamente literal nem temporal, mas diz respeito a uma verdade e a uma fidelidade a um destino que deve ser descoberto. Uma epopeia, por conseguinte, que não conduz apenas ao mundo antigo, mas, sobretudo, a uma experiência de autoconhecimento e viagem de vida.

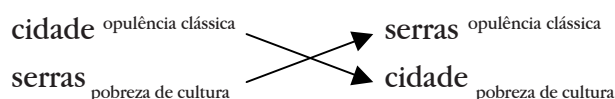
Antes de darmos reinício à pontuação de alguns aspectos particulares da presença do mundo antigo no romance *A cidade e as serras*, chamamos a atenção do leitor para uma estruturação engenhosa do romancista. A obra é construída, no aspecto da retomada dos clássicos, a partir de uma estrutura quiásmica e de uma quebra das expectativas. Temos em um polo a cidade e em outro as serras, que, em movimentos descendentes e ascendentes, cruzam-se, e alternam quantitativamente as menções aos

²⁶ Expressão utilizada por José Fernandes em: QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 21. Sem excluir a possibilidade da participação do santo cristão, acreditamos que Eça entretém-se, prazenteiro, no jogo entre o sagrado e o profano.

²⁷ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 265-266.

²⁸ GONZAGA. *Marília de Dirceu*, Lira I.

helênicos e latinos (vide anexo de ocorrências deste artigo). A cidade, o mundo da cultura civilizada, a planura Elísea no 202, onde, “numa nave cheia de majestade e sombra”, havia “estantes monumentais, todas de ébano” e nelas “repousavam mais de trinta mil volumes” que davam a José Fernandes “todos os gostos de uma iniciação” e que jaziam “todos essenciais à cultura humana”.²⁹ Todavia, Paris e o 202 apresentam-se na obra com escassas menções ao berço da cultura ocidental; de outra maneira e a contrapelo do que se espera, a singeleza das serras mostra-nos uma ostentação e vigor de ocorrências de alusões a Homero, Platão, Aristóteles, Virgílio, Horácio e outros:



Por si, o quiasmo é uma figura provocadora e ilustradora de movimento, na qual o deslocamento e a alteração das condições iniciais são obrigatórios.

Em meio a semelhante enredo, fundamentalmente comentamos, de agora em diante, a rememoração mais detida de material da cultura greco-romana. Numa tentativa, portanto, de esclarecer aspectos do presente diálogo de Eça de Queiroz com a Antiguidade, propomo-nos, a seguir, a destacar e discutir outras significativas passagens do romance em que ecos clássicos ainda se fazem ouvir, respectivamente, a partir de fontes romanas e helênicas.

A incorporação da cultura latina clássica ao romance

Reflitamos acerca do romance sem a observação do uso sistemático dos clássicos. De início, em primeiro plano, salta aos

²⁹ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 18-22.

olhos do leitor, como notou António José Saraiva, a simplicidade de estrutura da obra, simetricamente construída a partir de um único contraste esquemático:

Não nos interessa agora, porém, a maneira como a ideia se formou – mas unicamente como a partir da ideia se formou o conto, cuja estrutura é a coisa mais simplesmente esquemática que pode existir: uma oposição. De um lado uma emaranhada complicação de fios de arame e de metais, uma multiplicação fatigante de canos, botões, torneiras, campainhas, uma acumulação de livros e papéis, uma variedade infinita de obrigações e de compromissos; do outro a simplicidade completa, a redução ao mínimo de todas as complicações, obrigações e formalidades, a liberdade: em lugar de metais e arames, campos de relva, em lugar de canos e torneiras, nascentes e regatos. Eis formado o contraste visual; eis a ideia posta em estilo.³⁰

Incorporando a investigação das referências aos autores antigos, percebe-se que, em manipulação sofisticada, é erigida uma complexa inversão (representação quiásmica da situação), como adiantamos. E, desse modo, o lugar da cultura – onde se dá a “complicação de fios de arame e de metais, uma multiplicação fatigante de canos, botões, torneiras, campainhas, uma acumulação de livros e papéis, uma variedade infinita de obrigações e de compromissos” – expressa os clássicos de maneira superficial e caricata, enquanto que o lugar da simpleza – onde se dá “redução ao mínimo de todas as complicações, obrigações e formalidades” – expressa os clássicos de forma aprimorada e eficiente.

³⁰ Neste trecho, a propósito, Saraiva pronuncia-se, em específico, sobre o conto “Civilização”, que precede cronologicamente na lavra de Eça a escrita de *A cidade e as serras*. Contudo, segundo o mesmo estudioso, “toda *A cidade e as serras* está no conto *Civilização*” (SARAIVA. *As ideias de Eça de Queiroz*, p. 56), sua matriz temática evidente, e, assim, não é inapropriado transpor dali para cá semelhantes observações estruturais do enredo.

O mesmo contraste, que alcança ainda o que se poderia explicar retoricamente na cultura antiga, encontra-se amiudado nas letras de Roma: em conformidade com as regras do gênero epidítico (ou demonstrativo) da retórica clássica, que têm no inverter dos lugares da detração o fazer daqueles do louvor (e *vice-versa*),³¹ vários autores romanos compuseram textos nos quais campo e cidade, recebendo valoração distinta, retratam-se de maneiras mutuamente opostas. Ressalte-se, no entanto, que os lugares não são estanques. Acode-nos à memória, além da *praelocutio* do livro II (e III)³² do *De re rustica* de Varrão de Reate, o divisado nas *Laudes ruris* ao fecho do livro II das *Geórgicas* virgilianas:

³¹ TREVIZAM. Procedimentos retóricos e construção dos sentidos nas *Laudes Italiae* de Varrão e Virgílio, p. 137: “De início, segundo um princípio estruturador comum a todo o gênero demonstrativo (ou “epidítico”), observa-se o recorte do objeto dos louvores, ou seja, a terra itálica, contra realidades menos propícias num ou noutro extremo do mundo. De fato, segundo a preceituação de um autor como o anônimo responsável pela escrita da *Rhetorica ad Herennium*, sendo duas as espécies associáveis a esse gênero (*laudatio* e *uituperatio*), a reversão dos elogios já basta para que se manifestem os motivos da *uituperatio* (*Rhetorica ad Herennium*, III, XVI, 10: *Quoniam haec causa diuiditur in laudem et uituperationem, quibus ex rebus laudem constituerimus, ex contrariis rebus erit uituperatio comparata*). *Mutatis mutandis*, quando se empregam lugares de detração em sentido contrário, obtém-se o necessário para louvar.”.

³² VARRÃO. *Praelocutio* de *De re rustica* III: “Neque solum antiquior cultura agri, sed etiam melior. Itaque non sine causa maiores nostri ex urbe in agros redigebant suos ciues, quod et in pace a rusticis Romanis alebantur et in bello ab his alleuabantur. Nec sine causa terram eandem appellabant matrem et Cererem, et qui eam colerent, piam et utilem agere uitam credebant atque eos solos reliquos esse ex stirpe Saturni regis.”. Tradução de Matheus Trevizam: “O cultivo do campo, acrescento, não só é mais antigo, mas também melhor. Assim, não sem motivo, nossos ancestrais reconduziam da cidade aos campos seus concidadãos, pois na paz eram alimentados pelos romanos rústicos e, na guerra, socorridos. Não sem motivo, a mesma terra chamavam de mãe e de Ceres, pensavam que os que a cultivavam levam uma vida pia e útil, e que apenas eles restaram da estirpe do rei Saturno.”

Não por acaso grandes homens, nossos ancestrais, preferiam os romanos do campo aos da Cidade. Com efeito, assim como, nas terras, os que vivem na casa de campo são mais fracos do que quem se ocupa da lavoura fazendo algum trabalho, julgavam mais ociosos os que se estabeleciam na cidade do que quem cultivava a terra. Assim, dividiram o ano de modo que apenas a cada oito dias eles se dessem aos assuntos urbanos, mas, nos outros sete, cultivassem os campos. Enquanto tiveram esse costume, lograram duas coisas, possuir os mais fecundos campos cultivando e serem eles próprios de melhor saúde, sem acharem falta dos ginásios urbanos à grega. Agora, a custo basta um só deles, nem acham que têm uma casa de campo se não ressoam muitos nomes gregos, chamando eles pormenorizadamente os lugares de *procoetion*, *palaestra*, *apodyterion*, *peristylon*, *ornithon*, *peripteros* e *oporotheca*.³³

O agrícola entretanto assíduo as terras ara e amanhã todo o ano. Ele, o que à pátria anda a granjear sustento, e aos netos pequeninos, e aos seus amigos bois, sócios dos seus destinos.³⁴

³³ VARRÃO. Abertura da *praelocutio* de *De re rustica* II: “Viri magni nostri maiores non sine causa praeponerent rusticos Romanos urbanis. Vt ruri enim qui in uilla uiuunt ignauiores, quam qui in agro uersantur in aliquo opere faciendo, sic qui in oppido sederent, quam qui rura colerent, desidiosiores putabant. Itaque annum ita diuiserunt, ut nonis modo diebus urbanas res usurparent, reliquis septem ut rura colerent. Quod dum seruauerunt institutum, utrumque sunt consecuti, ut et cultura agros fecundissimos haberent et ipsi ualetudine firmiores essent, ac ne Graecorum urbana desiderarent gymnasia. Quae nunc uix satis singula sunt, nec putant se habere villam, si non multis uocabulis retinniat Graecis, quom uocent particulatim loca, procoetona, palaestram, apodyterion, peristylon, ornithona, peripteron, oporothecon.”. Tradução de Matheus Trevizam.

³⁴ Tradução portuguesa de António Feliciano de Castilho (CASTILHO. *Geórgicas*, p. 45), correspondente aos versos II 513-515 das *Geórgicas* de Virgílio (*Agricola incuruo terram dimouit aratro:/ binc anni labor; binc patriam paruosque nepotes/ sustinet, binc armenta boum meritosque iuuenos*).

Em Varrão, como é muito claro, opõe-se a diligência tradicionalmente associada aos velhos camponeses romanos à improdutiva inércia dos cidadãos, sobretudo os de sua época (o século I a. C.). Esses últimos não só não se ocupam tão bem do cuidado das terras como descuidam mesmo de si, sob os pontos de vista moral ou físico. Daí a aquiescência a um luxo estrangeiro – grego – identificado com o fazer rural de aposentos destinados não a favorecer o trabalho,³⁵ mas preocupações alheias à austera praticidade da vida. O excerto virgiliano, por sua vez, prossegue sempre³⁶ como implícita oposição (mas note-se a partícula “entretanto” da versão portuguesa de Castilho!) a um quadro esboçado imediatamente antes (*Geórgicas* II 495-512), em que se viam elencadas desvantagens atinentes aos cidadãos: em v. 495-497, mencionavam-se os *populi fascēs* (“magistraturas”), a “púrpura dos reis” e uma conjuração dos dacos a provirem do baixo Danúbio (o rio Histro dos antigos), em óbvia alusão às esferas política e militar de embate dos ambiciosos; em v. 498, as *res Romanae* (“assuntos de Roma”) e os *peritura regna* (“morredouros reinos”); em v. 511, o *insanum forum* (“foro insano”) e os *populi tabularia* (“arquivos do povo”); em v. 504, a invasão destrutiva em *aulas e limina regum* (“palácios” e “soleiras reais”); em v. 507, o sono inquieto sobre ouro enterrado (*defosso... auro*); em v. 508-509, o “aplausos da plebe e dos senadores” (*plausus... plebisque patrumque*); em v. 510-512, por sua vez, alude-se às guerras civis em Roma e aos males do exílio.

Nos dois autores antigos, notamos, busca-se elaborar uma imagem dos campos – e de seus habitantes – que sobrepuje a urbana em “vantagens” como a dedicação a fazeres não apenas

³⁵ Respectivamente, os nomes gregos de aposentos citados por Varrão no excerto em pauta poder-se-iam traduzir em português por “antessala”, “sala de exercícios”, “vestiário de banho”, “colunata”, “viveiro de aves” (também ornamental), “pérgula” e “fruteiro”.

³⁶ Na verdade, apesar do pronunciado corte da citação das *Laudes ruris* neste artigo, elas se estendem, em *Geórgicas* II de Virgílio, até v. 540, dois versos antes do término completo do livro.

inócuos em suas consequências, mas, ainda, úteis e propiciadores de inegável nobilitação moral e, até, maior felicidade para os envolvidos. Algo semelhante parece ocorrer em *A cidade e as serras* após a abrupta fuga de José Fernandes e Jacinto dos cânticos da sereia identificada com Paris:

Mas nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, caindo do alto, da bojuda infusa verde – um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo. Mirando, à vela de sebo, o copo grosso que ele orlava de leve espuma rósea, o meu Príncipe, com um resplendor de otimismo na face, citou Virgílio:

– *Quo te carmina dicam, Rhetica?* Quem dignamente te cantará, vinho amável destas serras?

Eu, que não gosto que me avantajem em saber Clássico, espantei logo também o meu Virgílio, louvando as doçuras da vida rural:

– *Hanc olim ueteres uitam coluere Sabini...* Assim viveram os velhos sabinos. Assim Rômulo e Remo... Assim cresceu a valente Etrúria. Assim Roma se tornou a maravilha do mundo!³⁷

Sintomaticamente, em trecho do romance destinado ao elogio das alegrias verdadeiras da serra portuguesa, aqui coincidentes com os prazeres modestos da mesa rústica, faz-se, de início, uma citação do livro II das *Geórgicas* de Virgílio (v. 95-96), todo ele destinado à abordagem poética da arboricultura itálica antiga, na qual, é sabido,³⁸ incluía-se o cultivo das uvas. Desse

³⁷ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 162.

³⁸ ROBERT. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*, p. 238-239: “Après avoir réservé le premier chant des *Georgiques* à la culture de la terre, Virgile consacre le second à la vigne et à l'olivier. Ce sont là deux cultures importantes dans l'Italie antique. Nous avons vu quel rôle jouait la vigne, en particulier sous la République, au détriment du blé, et Virgile évoque avec raison la campagne qui “resplendit, chargée des pampres de l'automne”. Dans l'Antiquité, les vignes s'étendaient sur l'ensemble de l'Italie, de la vallée du Pô au Bruttium et à l'Apulie et les vins des régions de Brindes et de Tarente étaient fort appréciés.”

modo, *Rbetica* (ou, melhor dizendo, *Rbaetica*) designava, naquele contexto, uma variedade vinícola tal como tida no país transalpino dos récios. Talvez não seja despropositado, aqui, notar que a antiga Récia – província entre o Reno e o Danúbio ao norte dos Alpes – também correspondia, como as serras portuguesas de Tormes, a uma zona de encostas de montanhas, o que torna a menção a ela geograficamente afim ao meio rústico esboçado por Eça.

A citação latina que se segue a essa no mesmo trecho encaixa-se precisamente no âmbito das supracitadas *Laudes ruris* de Virgílio (v. 532ss), em menção a certos ancestrais do povo de Roma que, em sua época, honraram tradições agrárias – de frugalidade, emprego do tempo em trabalhos úteis para a pátria e os filhos, fuga às excessivas ambições, vaidades e falsas alegrias dos cidadãos... – reputadas responsáveis pelo estabelecimento dos alicerces da grandeza itálica. Aos sabinos, por sinal, donde provieram os próprios Catão Censor (séc.III-II a.C.) e Varrão de Reate (séc. I a.C.), cabia proverbial fama de frugalidade e persistência no trabalho, pela pobreza do solo em seu ambiente de origem;³⁹ Rômulo e Remo, míticos alicerces da Cidade, cresceram, segundo a lenda, criados pelo humilde pastor de nome Fáustulo e por sua esposa Larência numa cabana rústica,⁴⁰ tendo, com a chegada da idade adulta, continuado no ofício do “pai adotivo” (ou mesmo de salteadores nas montanhas!) até a morte de um e o estabelecimento da Urbe por outro;⁴¹ a Etrúria, por sua vez, de fato correspondeu historicamente a um país fértil, de cuja

³⁹ CATÃO, *apud* DELLA CORTE. *Catone censore*, p. 12: “Ego iam a principio in parsimonia atque in duritia atque (in) industria omnem adulescentiam meam abstinui agro colendo, saxis Sabinis, silicibus repastinandis atque conserendis.” Tradução de Matheus Trevizam: “Quanto a mim, desde o princípio resguardei toda minha juventude na parcimônia, no rigor e na atividade cultivando os campos, rochas sabinas, recavando e semeando o cascalho.”

⁴⁰ GRANDAZZI. *As origens de Roma*, p. 17-18.

⁴¹ TITO LÍVIO. *Ab Vrbe condita* I, 7.

produção agrária se orgulhavam os seus filhos,⁴² e foi a pátria de *Saserna*, ocupado da escrita de um tratado de “agronomia” a que se faz menção nas páginas do *De re rustica* varroniano.⁴³

Transpondo-nos ainda para o contexto de *A cidade e as serras*, o tom salutar da vida à maneira dos avós impõe-se com força pela voz do narrador José Fernandes, pois, à diferença da metrópole donde provieram, a simplicidade das serras lograra, a despeito da falta de luxo, gerar e nutrir por séculos os ditosos ancestrais de Jacinto. Por “ditosos”, aqui, entendemos homens capazes de realizar-se bem como representantes do estrato social em que se inseriam – o da fidalguia rural portuguesa –, sem vacilar de desalento diante da vida como o fraco Jacinto da fase logo anterior à volta às origens. Nesse sentido, assim como Virgílio parece propor, nas *Laudes ruris* do livro II das *Geórgicas*, a recuperação de algo da moralidade perdida pela via da observância de alguns princípios antigos,⁴⁴ Eça de Queiroz traça em seu romance a imagem de um protagonista apenas são e senhor de si mesmo quando se decide por deixar para trás o que nunca fora, isto é, um rebento doentio do artificialismo (e da corrupção) estrangeiro.

⁴² TREVIZAM. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*, p. 16 (tradução de Matheus Trevizam a partir de ROBERT. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*, p. 83-84): “A Etrúria era um país particularmente fértil, que produziu grandes “agrônomos”, como Saserna, em quem se inspiraram os ‘agrônomos’ latinos. Varrão espanta-se com a riqueza da terra etrusca: as lavras são fecundas, nota; não se conhece o pousio; as árvores vigorosas, e em parte alguma surge o musgo. A produção cerealista etrusca era excedente, e é a seus vizinhos que Roma, sofrendo com a fome, recorrerá diversas vezes. A qualidade do trigo era excepcional, e a farinha tão branca que Ovídio aconselhava às mulheres utilizá-la para empoar o rosto! A própria viticultura era de qualidade e emparelhada com os grandes vinhedos itálicos. Quando se pensa que, nas origens de Roma, a Etrúria vivia seu apogeu, parece evidente que os romanos ‘emprestaram’ de seus vizinhos esse novo modo de vida de que se orgulhavam, a ponto de torná-lo uma das famosas virtudes romanas.”

⁴³ ROBERT. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*, p. 83-84.

⁴⁴ ENCICLOPEDIA VIRGILIANA, 1985, vol. II, p. 681-682.

A próxima passagem que selecionamos para o comentário prepara o arrefecimento dessa visão inicial de entusiasmo com as belezas singelas da serra, sem, em absoluto, invertê-la:

– Era o carteiro. Já vês que não amuei inteiramente com a civilização. Eis a imprensa!... Mas nada de Fígaro, ou da horrenda *Dous-Mundos!* Jornais de agricultura! Para aprender como se produzem as risonhas messes, e sob que signo se casa a vinha ao olmo, e que cuidados necessita a abelha provida... *Quid faciat laetas segetes...* De resto para esta nobre educação, já me bastam as *Geórgicas*, que tu ignoras!

Eu ri:

– Alto lá! *Nos quoque gens sumus et nostrum Virgilium sabemus!*

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

– Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!⁴⁵

Em nova lembrança das *Geórgicas*, Jacinto cita, na primeira frase latina constante do excerto e para “justificar-se”, com o refinamento da poesia romana, de seu “rude” interesse pelas coisas do campo, o verso inicial deste poema, que lhe compõe a *praepositio* com outros dizeres ainda ao longo dos três seguintes do livro I.⁴⁶ O que não cita textualmente em latim, como se lembraria qualquer leitor do original romano, foi parafraseado – exceto pelos cuidados

⁴⁵ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 178.

⁴⁶ CASTILHO. *Geórgicas*, p. 3: “O que as messes alegre; o astro que mais convida/ a revolver o solo, e a armar no olmeiro a vide;/ criação de armento e fato; e quanto de ciência/ o parco enxame pede, e ensina a experiência,/ Mecenas, vou cantar.” – passagem correspondente aos v. 1-5 do original virgiliano: “*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/ uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis/ conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/ sit pecori, apibus quanta experientia parcis,/ hinc canere incipiam.*”

dos bois e rebanhos de v. 2 e 3 – pelo mesmo Jacinto imediatamente antes de fazê-lo.

Depois, a resposta estropiada do agastado José Fernandes, que não se identifica com citação alguma e apenas se presta no contexto a livrá-lo pelo humor da acusação de ignorar os clássicos, introduz à sua maneira novas reminiscências das Antiguidades de Roma. Além do nome de Catão, de que já falamos e foi um célebre político e escritor – *De agri cultura*, entre outros⁴⁷ – na Roma antiga, a entrada em cena da personagem rústica de Ana Vaqueira favorece, em parte que não transcrevemos acima, nova evocação daquele mundo.

Isso se justifica porque José Fernandes, retratado como incorrigível apreciador da beleza da mulher ao longo de muitas páginas de *A cidade e as serras*,⁴⁸ também desperta para a graça rude dessa camponesa ao vê-la trazer com ágil presteza o copo d'água requerido por Jacinto, a ponto de chamá-la, cobiçoso, “ninfa latina”. Ora, a associação de uma figura feminina a portar água da fonte justamente com as ninfas parece-nos corresponder a um indício da cultura clássica de José Fernandes / Eça de Queiroz,

⁴⁷ TREVIZAM. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*, p. 50: “Não se podem, por outro lado, omitir suas iniciativas de composição escrita: além dos discursos, plenamente inseridos no contexto maior de sua atuação política em Roma, e do *De agri cultura*, de que trataremos com detalhes, ele se dedicou a compor as *Origines*, obra de cunho histórico destinada a resgatar e valorizar o passado romano desde tempos longínquos, duas outras “monografias” técnicas especializadas (o *De re militari* e um compêndio de direito civil), o *Ad filium*, identificado, na visão de Astin, com uma provável coletânea de preceitos práticos variadíssimos, o chamado *Carmen de moribus* e uma compilação de ditos moralizantes.”

⁴⁸ Sobre o destaque geral do erotismo na obra de Eça de Queiroz, veja-se CAMPOS MATOS. *Vie et oeuvre d'Eça de Queiroz*, p. 223: “L'essayiste Eduardo Lourenço dans *Les jupes d'Elvire* (2007) écrit que la fiction queirozienne est ‘l'inventaire le plus précis, le plus minutieux et créatif de l'expérience érotique, pas seulement en langue portugaise mais dans la littérature universelle’”.

pois tais entidades, como nos ensina Junito Brandão,⁴⁹ correspondiam, desde o imaginário helênico, a deusas menores em forte associação com elementos naturais variados (fontes, montes, bosques, rios...).

O teor do comentário do próprio Jacinto sobre os dotes físicos de Ana Vaqueira, porém, acaba por contrabalançar, como anunciamos, qualquer visão demasiado “otimista” dos bens da rusticidade serrana:

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:
Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca taurina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a natureza, assim sã e rija; e ela sempre. O marido todavia não parece contente, porque a desanca. Também é um belo bruto... Não, meu filho, a serra é maravilhosa e muito grato lhe estou... Mas temos aqui a fêmea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoísmo... São porém verdadeiros, genuinamente verdadeiros! E esta verdade, Zé Fernandes, é para mim um repouso.⁵⁰

Isso dito, julgamos ter exposto, sem pretensões de exaustão, o essencial dos nexos de *A cidade e as serras* com a Antiguidade romana, destacando-se explicitamente nesta relação o papel intermediador do Virgílio das *Geórgicas*. Apesar de alguma

⁴⁹ BRANDÃO. *Mitologia grega*, p. 225: “Em síntese, temos os seguintes tipos de *Ninfas*: Oceânides, ninfas do alto-mar / Nereidas, ninfas dos mares internos / Potâmidas, ninfas dos rios / Náíades, ninfas dos ribeiros e riachos / Creneias, ninfas das fontes / Pegeias, ninfas das nascentes / Limneias, ninfas dos lagos e lagoas / Napeias, ninfas dos vales e selvas / Oréadas, ninfas das montanhas e colinas / Dríadas, ninfas das árvores e particularmente dos carvalhos / Hamadriadas, ninfas dos carvalhos.”

⁵⁰ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 179.

eventual divergência entre a idealização agrária latina e a realidade da vida nas serras de Tormes, então, destaca-se em um ou outro gesto elogioso das duas culturas em pauta saudosa nostalgia pelo ambiente rural perdido e a firme crença na validade perene de muitos de seus valores.⁵¹

A incorporação da cultura grega antiga ao romance

Afora o possível suporte mítico já apresentado, afora os jogos bem humorados que ocorrem em todo o percurso da metamorfose de Jacinto, afora as referências discretas, paráfrases e imitações curiosas, a escolha de Homero para o encerramento da obra não é fortuita. O arcabouço clássico, mais frágil na cidade, mais robusto no campo, ergue-se devagar. Na abertura do romance, capítulo I, José Fernandes recorda palavras do amigo:

(...) só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milhões de seres arquejando na obra da Civilização (para manter na natureza o domínio dos Jacintos!) sentia um sossego, um conchego, só comparáveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedário, e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de lumes e de armas...

⁵¹ Parece, curiosamente, haver algo de autobiográfico nestas proposições “rurais” de Eça de Queiroz, como confirma sua própria correspondência (CAMPOS MATOS. *Vie et oeuvre d'Eça de Queiroz*, p, 238): “S’étant affirmé ‘homme des villes’ (lettre du 5 août 1897 à sa femme), Eça semble cependant avoir caressé le rêve de vivre à la campagne, dans ses derniers années, à Paris, tout en sachant que le rêve était parfaitement utopique. Dans une autre lettre à sa femme il dit: “En fait, il n’y a rien de comparable à la campagne! La campagne à la ville, ces arbres le long des rues, ça ne vaut rien. C’est à la campagne, mais la vraie, que je voudrais vivre.”

(...) Ao contrário no campo, entre a inconsciência e a impassibilidade da Natureza, ele tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí como perdido num mundo que lhe não fosse fraternal; nenhum silvado encolheria os espinhos para que ele passasse; se gemesse com fome nenhuma árvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva dum ramo.⁵²

Na sequência do trecho virá S. Francisco de Assis e a necessidade da “inversão de todas as leis naturais, e um violento milagre”, para vencer o lobo de Agúbio (o representante da natureza a qual se sustenta por dois instintos: o de devorar e o de gerar) e conclui, finalmente: “Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade”. A exaltação da civilização, nesse passo, lhe dá oportunidade para, de modo sutil, introduzir o tema da criação do mundo a partir da força humana. Temos uma nova e invertida *Teogonia*; não se trata da geração dos deuses, mas da geração dos homens por eles mesmos:

Ao cabo de uma semana rural, de todo o seu ser tão nobremente composto só restava um estômago e por baixo um falo! A alma? Sumida sob a besta. E necessitava correr, reentrar na Cidade, mergulhar nas ondas lustrais da Civilização, para largar nelas a crosta vegetativa, e ressurgir re-humanizado, de novo espiritual e jacíntico!⁵³

O trecho remete ao verso 26, *poiménes ágrauloi, kák' elénchea, gastéres oïon*,⁵⁴ em que as Musas conferem a Hesíodo o cetro de aedo e a palavra poética e ele, movido pelo canto, narra a geração do cosmos. A referência astuciosa nos permite inferir que a natureza, na cidade (Paris, Campos Elíseos, 202), é recriada em civilização como a metáfora da flor que Jacinto leva na lapela:

⁵² QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 11-12.

⁵³ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 12.

⁵⁴ Em tradução de Jaa Torrano: “Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só”...

usava sempre ao peito uma flor, não natural, mas composta destramente pela sua ramalheira com pétalas de flores dessemelhantes, cravo, azaleia, orquídea ou tulipa, fundidas na mesma haste entre uma leve folhagem de funcho.⁵⁵

Embora numa primeira leitura possamos concordar que haja um abandono da civilização com sua composição e reordenação do mundo, vê-se que a estratégia às avessas repetir-se-á no fim da obra, não de forma ornamental como antes, e sim para a envergadura e manutenção da memória dos “velhos Jacintos rurais”. Tal como se faz em Paris, em Tormes se reorganiza o passado, não pelo ornato, mas como mandava a prudência:

Nem sequer, falando verdade, nós sabíamos bem que dignos avós de V. Ex.^a jaziam na capela velha, assim tão antigos, com os letreiros apagados, senhores de todo o nosso respeito, certamente, mas, se V. Ex.^a me permite, senhores já muito desfeitos... Depois veio o desastre, a mixórdia. E aqui está o que decidi, depois de pensar. Mandei arranjar tantos caixões de chumbo, quantas as caveiras que se apanharam lá em baixo na Carriça, entre o lixo e o pedregulho. Havia sete caveiras e meia. Quero dizer, sete caveiras e uma caveirinha pequenina. Metemos cada caveira em seu caixão. Depois... Que quer Ex.^a? Não havia outro meio! E aqui o Senhor Fernandes dirá se não acha que procedemos com habilidade. A cada caveira juntamos uma certa porção de ossos, uma porção razoável... Não havia outro meio... Nem todos os ossos se acharam. Canelas, por exemplo, faltavam! E é bem possível que as costelas de um daqueles senhores ficasse com a cabeça de outro... Mas quem podia saber? Só Deus. Enfim fizemos o que a prudência mandava... Depois, no dia de Juízo, cada um destes fidalgos apresentará os ossos que lhe pertencerem.⁵⁶

⁵⁵ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 14.

⁵⁶ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 188.

E assim será também no que se refere aos clássicos e ao preparo do romance. A retomada desses vestígios “tão antigos, já muito desfeitos” surge em alusões reiteradas, (explícitas ou camufladas) e de forma genial como a recuperação da técnica homérica de literatura formular, pelo autor expressa claramente:

Então estreitamos os ossos num grande abraço, pelo natalício... “Trinta e oito, hein, Zé Fernandes? “Trinta e quatro, animal!” E o meu Príncipe abrindo a mala, sóbria maleta de filósofo, ofereceu os “nobres presentes, que são devidos”, como diz sempre o astuto Ulisses na *Odisseia*.⁵⁷

A consciência de estar empregando em sua prosa o falar de Ulisses, embora incipiente, surpreende em Eça. Recordemos que à sua época ainda não havia sido sistematizada a teoria de Milman Parry, que faria uma revolução nos estudos dos poemas homéricos, colocando ênfase na técnica de composição oral e em uma expressão artística alcançada a partir da recorrente utilização de fórmulas e epítetos. Os dois primeiros trabalhos de Parry, “L’Épithète traditionnelle dans Homère” e “Essai sur un problème de style homérique”, foram publicados pela Universidade de Paris e datam de 1928, isto é, 27 anos depois do romance português. É fato que os antecessores acadêmicos, em alguma medida, favoreceram à construção da teoria do pesquisador americano em Paris.⁵⁸ Não nos cabe especular se Eça conhece ou não os fundamentos da teoria ou a estratégia de Homero ou se se tratava de mera imitação; o que se nota é que em *A cidade e as serras*, na altura do capítulo VIII em diante, quando Jacinto se instala no solar em Tormes, temos, no ingresso do solar feito de pedra como a gruta de Polifemo –, uma profusão de fórmulas e epítetos e parece-nos que Eça manifesta em seu texto um certo prazer em

⁵⁷ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 235.

⁵⁸ Vale conferir a coletânea dos trabalhos de Milman Parry organizada por seu filho, Adam Parry intitulada *The making of homeric verse. The collected papers of Milman Parry* (Oxford: University Press, 1971).

expressar-se à moda de Ulisses. A cena recorda a entrada do *anèr pelórios* Polifemo, no canto IX, v. 187, da *Odisseia*. Se, no épico, o ciclope marca a entrada do Laertíada no mundo incivilizado a partir de uma refeição, aqui ocorre o mesmo, entretanto, ironica e jocosamente, o *anèr pelórios* transforma-se em *gyné*:

Uma formidável moça, de enormes peitos que lhe tremiam dentro das ramagens do lenço cruzado, ainda suada e esbrazeada do calor da lareira, entrou esmagando o soalho, com uma terrina a fumar. (...)

[Jacinto] esfregou energicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e rescendia. Provou—e levantou para mim, seu camarada de misérias, uns olhos que brilharam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: – “Está bom!” (...)

Foi ele que rapou avaramente a sopeira. E já espreitava a porta, esperando a portadora dos pitéus, a rija moça de peitos trementes, que enfim surgiu, mais esbrazeada, abalando o sobrado – e pousou sobre a mesa uma travessa a trasbordar de arroz com favas.⁵⁹

Nesse ponto descem sobre nós, em meio a citações de Virgílio e alusões a Platão, uma avalanche de fórmulas e epítetos os quais – para convencimento do leitor, citamos alguns: “formidável moça”, “enormes peitos”,⁶⁰ “caseiro excelente”; “camarada de misérias”, “a portadora dos pitéus”, “a rija moça de peitos trementes”;⁶¹ “o homem ótimo”, “o bom caseiro”, “louro frango assado no espeto, digno dos lábios de Platão”, “bojuda infusa verde”, “o copo grosso”, “espuma rósea”⁶² – soam como a fala de um astuto aedo grego. Após esse

⁵⁹ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 160-161.

⁶⁰ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 160.

⁶¹ Note-se a variação formular muito ao estilo homérico na expressão “peitos que tremiam” e “peitos trementes” (QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 160 e 161).

⁶² QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 162.

breve divertimento épico, termina o lauto e homérico jantar na serra e José Fernandes e Jacinto põem-se a contemplar o céu e falar dos astros. Depois da pequena evasão, uma nova retomada do estilo homérico, menos intensamente, recomeça: “estimado negro”;⁶³ “pesada porta”, “bom caseiro”;⁶⁴ “enxergas rijas”, “rijos folhos”, “rija enxerga”;⁶⁵ “excelente Rojão”.⁶⁶ Desta feita, vai José Fernandes para sua “alcova espartana”,⁶⁷ enquanto Jacinto, entre um bocejo e outro, reclama e dá ordens ao amigo sonolento. E “na sala imensa, onde tanto filosofaram nossos heróis” considerando as estrelas viu que:

[u]ma estante de madeira enchia outro pedaço de parede, entre dois retratos negros com caixilhos negros; sobre uma das suas prateleiras repousavam duas espingardas; nas outras esperavam, espalhados, como os primeiros Doutores nas bancadas de um concílio, alguns nobres livros, um Plutarco, um Virgílio, a *Odisseia*, o *Manual* de Epicteto...⁶⁸

E todos esses livros ali esperavam por Jacinto. Em um deles, a *Odisseia*, mergulhou o senhor de Tormes e “todo ele vivia no espanto e no deslumbramento de assim ter encontrado no meio do caminho da sua vida o velho errante, o velho Homero”.⁶⁹ Eça, então, dedica um longo excerto sobre o poema do retorno de Ulisses nas mãos de Jacinto, “[e]le, diante da mesa, direito na cadeira, abria o livro gravemente, pontificalmente, como um missal, e começava

⁶³ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 166.

⁶⁴ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 168.

⁶⁵ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 169.

⁶⁶ Todas as páginas subsequentes estão repletas de epítetos e fórmulas. Destacamos no jantar do natalício somente a página 244, de Fernandes: “a bela mulher do Doutor Alípio”, “formosa senhora”, “senhora Dona Luísa”, “senhor D. Jacinto” (2 vezes), “excelente Rojão” (QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 244).

⁶⁷ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 169.

⁶⁸ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 174.

⁶⁹ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 204.

numa lenta ode sentida. Aquele grande mar da *Odisseia...*”.⁷⁰ Mas por que Eça e José Fernandes deixariam o romance desembocar na *Odisseia*? Oh! caros leitores, isto seria um mar esplêndido para atravessar... O estudioso João Medina já deu o primeiro passo.⁷¹ Resta um aprofundamento.⁷² Lamentamos, todavia: as páginas de nosso artigo não conterão este mar. Deixemos a tarefa para outros ou para outra oportunidade, mencionando que vale, no entanto, repensar a obra de Eça de Queiroz à luz da Hélade e do Lácio.

Résumé: L'article a pour but de focaliser la présence de la culture classique dans ce roman. Il ne s'agit pas, pourtant, d'une recherche exhaustive. On examine le mythe de Jacinthe et Apollon, l'opposition Hadès/Champs Elysées et les «Serras» comme une symbolologie de l'annabase du protagoniste; on identifie des procédés du genre épique de la rhétorique classique et de la littérature formulaire d'Homère à la composition de cet ouvrage.

Mots-clés: Mythologie; littérature classique; rhétorique; bucolisme.

Referências

BERRINI, B. Jacinto, aristocrata rural. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 97, p. 26-36, maio 1987.

BRANDÃO, J. *Mitologia grega*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Vol. I.

⁷⁰ QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 205 e 235.

⁷¹ MEDINA. Jacinto em Ítaca, p. 113-153.

⁷² Que se contemple a paródia do catálogo das mulheres de Hesíodo (QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 226), o falar à moda de Eurípedes e Sófocles (QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 256), o plano da queijaria e a influência de Platão (QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 206, 168, 162), o cinismo e a influência de Diógenes (QUEIROZ. *A cidade e as serras*, p. 160), de Epicuro, dos gêneros antigos (a bucólica, a épica, o drama)...

- BURKERT, W. *Greek religion*. Translated by John Raffan. Oxford: Basil Blackell, 1985.
- CALAME, C. Spartan genealogies: the mythological representation of a spatial organization. In: BREMMER, J. (Ed.). *Interpretations of Greek mythology*. London: Routledge, 1988. p. 153-186.
- CAMPOS MATOS, A. *Vie et oeuvre d'Eça de Queiroz*. Traduit du portugais par M.-H. Piwnik. Paris: La Différence, 2010.
- CASTILHO, A. F. de; MENDES, M. O. “*Geórgicas*” e “*Eneida*” de Virgílio. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970. [Respectivas traduções]
- CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by H. D. Hooper. Cambridge, Mass./London, England: Harvard University Press, 1999.
- CICÉRON. *Rbétorique ad Hérennius*. Texte révu et traduit par Henri Bornecque. Paris: Garnier, s.d.
- COELHO, M. T. P. Eça de Queirós e Oliveira Martins: a visão da história em “A Ilustre Casa de Ramires”. *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. XXXVII, p. 257-272, 1999.
- DELLA CORTE, F. *Catone censore. La vita e la fortuna*. Firenze: La Nuova Italia Scientifica, 1969.
- DETIËNNE, M. *A escrita de Orfeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- ENCICLOPEDIA VIRGILIANA. Roma: Treccani, 1985. Vol. II, p. 664-698.
- EURIPIDE. Elene. In: EURIPIDE. *Elene/ Ione*. Con testo greco a fronte. Traduzione di Umberto Albinì e Vico Faggi. Milano: Garzanti, 1983. p. 1-125.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu*. Texto estabelecido e anotado por Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- GRANDAZZI, A. *As origens de Roma*. Tradução de C. D. Colas. São Paulo: UNESP, 2009.
- GRIMAL, P. *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HESÍODO. *Teogonia*. Tradução, introdução e notas de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HOMERO. *Odyssey of Homer*. Edição e comentários de W. B. Stanford. London: St. Martin Press, 1987.

LIVY. *Ab urbe condita*. With an English translation by B. O. Foster. Cambridge, Mass./ London, England: Harvard University Press/ Heinemann, 1998. Vol. I.

MEDINA, J. D. Jacinto em Ítaca. In: MEDINA, J. D. *Eça Político. Ensaio sobre aspectos político-ideológicos da obra de Eça de Queiroz*. Lisboa: Seara Nova, 1974. p. 113-153.

OVID. *Fasti. Festkalender Roms*. Artemis & Winkler, 1995.

OVIDIO. *Metamorfosi*. Con un saggio di Italo Calvino. Torino: Einaudi, 1994.

PARRY, A. *The making of homeric verse: the collected papers of Milman Parry*. Oxford: University Press, 1971.

PAUSANIA. *Viaggio in Grecia. Libro Terzo. Laconia*. Testo greco a fronte. Introduzione, traduzione e note di Salvatore Rizzo. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1999.

PIWNIK, M.-H. Ce que le nom dit, Jacinto dans “A cidade e as serras” de Eça de Queirós. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 121-122, p. 115-120, 1991.

QUEIROZ, J.-M. E de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

SARAIVA, A. J. *As ideias de Eça de Queiroz*. Lisboa: Bertrand, 1982.

STAFFORD, E. Personification in Greek religious thought and practice. In: OGDEN, D. (Org.). *A companion to greek religion*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 71-114.

TREVIZAM, M. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. 2006. Tese (Doutorado Linguística-Latim) - IEL-UNICAMP, Campinas: 2006.

TREVIZAM, M. Procedimentos retóricos e construção dos sentidos nas *Laudes Italiae* de Varrão e Virgílio. In: ASSUNÇÃO, T. R.; FLORES-Jr., O.; SANTOS, M. M. dos (Org.). *Ensaio de retórica antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. p. 135-143.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

ANEXO
Ocorrências selecionadas
 (os números referem-se às páginas)

A cidade, capítulos de I a VIII		
Mitologia	Adamastor	119
	Amazonas	66
	Aquiles	105
	Briseida	105
	Campos Elíseos	1, 4, 9, 23, 28
	Deuses em geral	17, 59
	Faunos	93
	Flores bacânticas	270
	Hades	1, 4, 9
	Helena	24
	Himeneu	93
	Nestor	51, 70
	Ninfas	93, 110
	Pátroclo	105
	Príamo	51, 70
Ulisses	51, 70	
Personagens históricos/autores	Aristóteles	7, 118
	Augusto	115
	Catão	282
	César (<i>et tu, Brutus?</i>)	
	Epicteto	276
	Fídias	278
	Hesíodo	12 (citação velada), 94
	Homero* ⁷¹	24
	Platão	22, 13 (neoplatônico: 2x)
	Terâmenes	7, 118
Locais	Atenas	95, 122
	Corinto	122
	Grécia	122
	Império Bizantino	122
	Lesbos	93

⁷¹ Homero foi inserido como figura histórica para efeito de classificação.

Referências escamoteadas	Olimpo (júri de Páris)	59
Obras	<i>Geórgicas</i>	12
Expressões latinas ou paráfrases		114

As serras, capítulos de IX a XVI

Mitologia	Apolo	205
	Campos Elíseos	269
	Deusas	205, 219
	Hades	286
	Ninfa	175
	Polifemo	205
	Rômulo e Remo	163
	Saturno	164
	Sírio	164
	Tritão	261
	Ulisses	205, 206
	Urano	164
	Vênus	159, 165, 242
Personagens históricos/autores	Alcebíades	204, 205
	Agripina	136 e 137
	Diógenes	160
	Epicteto	174, 244
	Epicuro	146
	Eurípides	256
	Heródoto	131
	Hesíodo (cat. das mulheres)	226
	Homero	174, 204
	Horácio	184, 226
	Lucrécia/	136
	Nero	136 e 137
	Platão	162, 168, 207
	Plínio/ Hist. Nat.	132
	Plutarco	174
	Sófocles	256
	Tarquínio	136
Virgílio	162, 174, 175, 176, 178 (2x)	

Locais	Arcádia	179
	Entrada em Portugal	151
	Etrúria	163
	Hélade	206
	Ítaca	206
	Tartária	284
Obras/ gêneros literários	<i>Bucólicas</i>	147, 175, 187
	<i>Ilíada</i>	204 (2x)
	<i>Odisseia</i>	174, 204, 205 (2x)
	<i>Éclogas</i>	218
Expressões latinas ou paráfrases	126, 129, 162 (<i>Retórica</i>), 163, 176, 178 (2x), 186, 237	
Uso consciente das fórmulas/Uso dos epítetos:	160-162, 214, 235	
“a mão pensativa sobre o negrume” , “nobres presentes que são devidos”		

Recebido para publicação em 16 de março de 2011.
Aprovado em 26 de junho de 2011.